

## MARIA AOS OLHOS DE CALVINO

Uma leitura inicial do papel de Maria nos escritos João Calvino

MARY IN THE EYES OF CALVIN

An initial reading to Mary's Role in writing of John Calvin

Gladson Pereira da Cunha\*

### RESUMO

Os protestantes nem sempre foram idiossincráticos em relação a Maria. Os primeiros reformadores tinham uma posição positivas à pessoa e lugar de Maria na história da salvação. Esta comunicação pretende reflexionar a partir de algumas considerações do reformador João Calvino acerca da Virgem Maria, a fim de estabelecer uma via e possibilidade de protestantes compreenderem melhor a figura e o papel de Maria na história da salvação, ao mesmo tempo em que se recupera uma compreensão mariana soterrada sob os escombros da Reforma e toda uma produção de esquecimento à respeito da Mãe do Redentor.

### PALAVRAS-CHAVES

Maria. Calvino. Exemplo.

### ABSTRACT

Protestants were not always idiosyncratic about Mary. The first Reformers had a positive position to Mary's person and place in the history of salvation. This communication seeks to reflect on some considerations of the reformer John Calvin about the Virgin Mary to establish a way and possibility for Protestants to had better understand the figure and role of Mary in the history of salvation, while at the same time recovering a Marian understanding buried beneath the rubble of the Reformation and an entire production of forgetfulness about the Mother of the Redeemer.

### KEYWORDS

Mary. Calvin. Exemple.

### INTRODUÇÃO

O Ano Jubilar Mariano, celebrado pelos católicos brasileiros, que comemora os 300 anos do encontro da imagem da Virgem Maria, sob a devoção de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, é também o ano em que cristãos protestantes celebram os 500 anos do ato considerado o ponto inicial de todo o processo chamado Reforma Protestante. Num tempo comum em que os dois grandes ramos do cristianismo ocidental celebram momentos especiais, torna-se um momento também para uma

---

\* Doutorando em Teologia com concentração em Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em Ciências da Religião e graduado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Professor da graduação em Teologia da Escola de Ensino Superior FABRA, em Serra, Espírito Santo.  
E-mail: gladsoncunha@gmail.com

comum reflexão que “converta os corações” de protestantes aos católicos e de católicos aos protestantes (cf. Mt 4,6). Assim, esta comunicação pretende ser o primeiro passo, uma reflexão de protestante sem raízes católicas sobre Maria, a *santa mãe de Deus*.

A idiossincrasia atual de protestantes à figura e ao papel de Maria na história da salvação é um algo estranho aos reformadores da primeira ou da segunda geração, o que inclui Lutero, Zwinglio, Oecolampádio, Bucer e Calvino. Aliás, num primeiro momento, a reflexão mariana tinha vez e lugar para esses reformadores<sup>1</sup>. Esses homens, em maior ou menor grau, guardaram e celebraram o papel e o lugar de Maria dentro dos desígnios redentores de Deus Pai; mas também, de alguma maneira, reinterpretaram o sentido da devoção mariana. O que significa que os principais reformadores tinham e continuaram tendo uma compreensão positiva de vários aspectos da mariologia, embora a tradição protestante posterior não desse o devido valor a essa reelaboração, praticamente retirando da reflexão teológica protestante a figura de Maria.

O objetivo, portanto, desta comunicação é ser uma reflexão teológica que, lançando mão das elaborações marianas do reformador João Calvino, “*que formulou um credo mariano sóbrio e centrado eticamente*”<sup>2</sup>, apresente uma via e possibilidade de protestantes compreenderem melhor a figura e o papel de Maria na história da salvação, ao mesmo tempo em que se recupera uma compreensão mariana soterrada sob os escombros da Reforma e toda uma produção de esquecimento à respeito da pessoa com maior significado histórico, bíblico, teológico depois de Jesus de Nazaré, isto é, Maria, “*a mãe do meu Senhor*” (Cf. Lc 1,43).

Assim, será buscado a via da concórdia; isto é, a direção daquilo que é comum afirmar nas duas tradições sobre a Virgem. Neste caso, de acordo com Clodovis Boff, existem apenas quatro dogmas marianos, os quais encontram-se em pares e em torno dos quais se reflexiona acerca de Maria: os dois primeiros Maternidade e Virgindade, e os dois últimos Imaculada e Assunção<sup>3</sup>. Como os dois últimos dogmas são recentes, elaborados nos últimos dois séculos,<sup>4</sup> estes não servirão para propósito desta comunicação, por terem sido elaborados em momento posterior à Reforma<sup>5</sup>. Considerando isso, apenas os dois primeiros dogmas são comuns tanto ao protestantismo como ao catolicismo<sup>6</sup> e, portanto, será a base sobre a qual será construído esse texto.

Outra coisa que precisa estar evidente é que este trabalho não pretende ser de maneira alguma apologético. Não se pretende estabelecer os pontos de discórdia das duas tradições – esses são conhecidos e discutidos, dentro e fora do protestantismo<sup>7</sup>. A percepção e o interesse deste trabalho são de aspecto positivo; ou seja, busca uma base comum para o diálogo, delineando como Maria – a

---

<sup>1</sup> Do século XV ao XX, a evolução da reflexão mariana na tradição protestante pode ser resumida da seguinte forma: no início, com os reformadores, Maria ocupa um lugar relativamente importante, determinado pelo contexto do tempo. Então essa preocupação diminui por causa da disputa confessional, embora encontremos aqui e ali as exceções interessantes. No século XX, retomou o interesse dos anos 20, graças ao diálogo ecumênico. Cf. GRUPPI DI DOMBES, I.3.52.

<sup>2</sup> MÜLLER, Alois; SATTler, Dorothea. *Mariologia*. In: SCHNEIDER, Theodor (ed). *Manual de Dogmática, vol.2, 2.ed.* Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p.158.

<sup>3</sup> BOFF, Clodovis. *Dogmas Marianos: Síntese Catequético-Pastoral, 4.ed.* São Paulo: Editora Ave-Maria, 2010, p.7-8.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p.7.

<sup>5</sup> A Igreja Oriental também mantém suas ressalvas quanto a esses dois últimos dogmas. Cf. FELMY, Karl Christian. *Teologia Ortodoxa Actual*. Salamanca: Sígueme, 2002, pp.127-131.

<sup>6</sup> Da mesma maneira que o Protestantismo, a Igreja Oriental comunga dos dois dogmas marianos, sendo o ponto comum acerca de Maria. E igualmente ao Protestantismo, os Ortodoxos não possuem um *locus* específico, em sua dogmática, para a mariologia. Cf. FELMY, 2002, p. 131.

<sup>7</sup> Como é o caso dos excessos na veneração a Maria. Cf. GARCIA PAREDES, José C.R. *Mariología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995, p.158. GRUPPO DI DOMBES. *Maria nel disegno di Dio e nella Comunione dei Santi. II.* § 292. Disponível em: <<http://www.dehoniane.it:9080/komodo/trunk/webapp/web/files/riviste/archivio/02/199803095a.htm>>. Acesso em 27 de abril de 2017. MOLTSMANN, Jürgen. *¿Existe una Mariologia Ecuménica?* In: *Concilium, Año XIX, n. 188 – Maria en las Iglesias*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1983, pp.178-184. BARTH, Karl. *Church Dogmatics, I, 2*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1963, pp.138-138.

Virgem de Nazaré – é vista e compreendida dentro de uma tradição protestante-calvinista e as possibilidades que essa compreensão pode oferecer, afim de contribuir para a reflexão mariana sob uma base ecumênica, algo muitas vezes difícil de ser conseguido<sup>8</sup>.

No caso específico de Calvino, dado toda a influência do humanismo e a própria inclinação para o caráter ético e não-metafísico da Escritura, da produção dos Padres da Igreja e do Magistério eclesiástico de então, sua mariologia tenderia para uma significação de ordem histórica e prática, uma perspectiva existente na própria mariologia católica. O fato é que Calvino ressignificou o mistério em vários dogmas, numa tentativa honesta de torná-los acessíveis à nova mentalidade cultural de seu tempo. Portanto, não seria de se esperar que ele não fizesse isso no caso da Bem-aventurada Virgem, como ele se referia a Maria<sup>9</sup>. A “mariologia” de Calvino assume, portanto, um caráter profunda e marcadamente ético. Em muitos momentos, Calvino deixava de lado a pessoa de Maria e se apegava mais as atitudes e ações. E este é o tema dessa comunicação.

## MARIA: MATERNIDADE E VIRGINDADE

Como considerado por Boff, o primeiro e central dogma mariano é a Maternidade. Como revelado nas Escrituras e confessado nos credos – “*nasceu da Virgem Maria*” ou “*no seio da Virgem Maria, e se fez homem*” – Calvino e toda a tradição protestante não negam a maternidade de Maria<sup>10</sup>. Como seria de se esperar, Calvino foca o caráter cristológico da maternidade da Virgem, de modo que ele reconhece e confirma o anátema contra Nestório promulgado no Concílio de Éfeso: “*Se alguém não confessa que Deus é, segundo a verdade, o Emanuel, e, portanto, a Santíssima Virgem é a Mãe de Deus (como carnalmente deu à luz o Verbo de Deus feito carne), seja anátema*” (DH 252). Sobre isso ele escreve em suas *Institutas*:

Portanto, constando que Cristo tenha as naturezas unidas, embora não confusas, dado que é Deus e homem, tomamos que seja o nosso verdadeiro Senhor e o Filho de Deus, mesmo segundo a humanidade, ainda que não em virtude da humanidade. Devemos afastar para longe de nós o erro de Nestório, que, antes querendo dividir que distinguir a natureza, imaginou um Cristo dúplice, enquanto vemos que a Escritura por uma clara voz o conteste, tanto revestindo com o nome de Filho de Deus aquele que nasceu da Virgem [Lc 1,32], como chamando a própria Virgem de “mãe de nosso Senhor” [Lc 1,43]. Também devemos nos guardar da insânia de Eutiques, para não destruímos ambas as naturezas querendo demonstrar a unidade da pessoa<sup>11</sup>.

O aspecto importante na maternidade de Maria, não é tanto quem é a mãe, mas a filiação divina de Jesus, o filho nascido de seu ventre<sup>12</sup>. O título *theotokos* atribuído a Maria, em Éfeso, possui um sentido cristológico, e isso é inquestionável entre católicos e protestantes<sup>13</sup>. Porém, mesmo se posicionando contra Nestório, Calvino não utiliza o título mariano *theotokos*. É difícil definir qual a razão disso. O Grupo de Dombes afirma que isso tem razões religiosas ou pedagógicas<sup>14</sup> e não teológicas. A questão, ao que parece, tem a ver com o modo de interpretação do título e a quem ele dignifica. Como neste caso, o tom assumido por Calvino é cristológico, o reformador encontrou o meio termo: não o termo *Mãe de Deus* (que embora ortodoxo poderia causar problemas no momento histórico em que se encontrava), nem o termo nestoriano *crisotokos* (algo como “*Mãe do Cristo*”), mas “*Mãe do*

<sup>8</sup> Cf. MOLTMANN, *¿Existe una Mariologia Ecuménica?*, p.178.

<sup>9</sup> CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã (=IRC), tomo I*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, II.10.4.

<sup>10</sup> Há que se ressaltar que um dos *Fundamentos* do movimento fundamentalista norte-americano foi o *nascimento virginal de Jesus Cristo*, do que se infere que Jesus teve uma mãe, Maria, que era virgem ao menos antes e durante o parto. Cf. ORR, James. *O nascimento virginal de Cristo*. In: TORREY, R.A. (ed.). *Os Fundamentos*. São Paulo: Hagnos, 2005, pp.271-279. Esta obra é um dos principais marcos do início do fundamentalismo.

<sup>11</sup> CALVINO, *IRC*, II.14.4.

<sup>12</sup> GRUPPO DI DOMBES. *Maria nel disegno di Dio e nella Comunione dei Santi. I*. §65. Disponível em: <[http://www.dehoniane.it:9080/komodo/trunk/webapp/web/files/riviste/archivio/02/19980309\\_5a.htm](http://www.dehoniane.it:9080/komodo/trunk/webapp/web/files/riviste/archivio/02/19980309_5a.htm)>. Acesso em 27 de abril de 2017.

<sup>13</sup> GARCIA PAREDES, *Mariología*, p.247.

<sup>14</sup> GRUPPO DI DOMBES. *Maria nel disegno di Dio, I*. § 65.

*Filho Unigênito de Deus*<sup>15</sup>, o que em sua mente preservava tanto a verdadeira divindade como a verdadeira humanidade do Redentor.

Por outro lado, ao falar da virgindade de Maria, Calvino fez a seguinte declaração ao comentar Mateus 2,15:

Esta passagem deu o pretexto para grandes perturbações, que foram introduzidas na Igreja, em um período anterior, por Helvídio. A inferência dele foi que Maria permaneceu virgem não mais do que até seu primeiro parto, e que depois teve outros filhos com o seu marido [José]. Jerônimo, por outro lado, defendia fervorosa e copiosamente a virgindade perpétua de Maria. Deixe-nos descansar tranquilos com a seguinte afirmação: Nenhuma inferência justa e bem fundamentada pode ser tirada destas palavras do evangelista quanto ao que aconteceu depois do nascimento de Cristo [Mt 2,15]. Ele é chamado primogênito; mas é com o único propósito de nos informar que ele nasceu de uma virgem. Diz-se que José não a conheceu até ela ter gerado seu primogênito: mas isto está limitando a esse mesmo tempo. O que ocorreu depois, o historiador não nos informa. Tal é bem conhecido por ter sido a prática dos escritores inspirados. Certamente, nenhum homem jamais levantará uma questão sobre este assunto, exceto pela curiosidade. E nenhum homem manterá esse obstinado argumento, a não ser por uma extrema paixão pela disputa<sup>16</sup>.

Desse mesmo trecho, há quem assume que Calvino acreditava na virgindade perpétua de Maria<sup>17</sup>. De outro modo, há quem compreenda que o reformador não cria nessa perpetuidade. No entanto, Calvino oferece uma chave de leitura para esse conflito. As Escrituras – fonte única da teologia para ele – não fala nem que sim (Maria permaneceu *virgo post partum*), nem que não. E naquilo que há silêncio bíblico, deve haver silêncio dos cristãos. Em outras palavras, a concórdia da virgindade *ante* e *in* é sabida e deve ser crida; a virgindade *post* apenas gerará disputas, o que via de regra são ensejos para a não-unidade da Igreja.

Salvaguardado os dois dogmas marianos em comum, é preciso que se considere como Calvino encarava eticamente a pessoa e vida da Santa Virgem. Isso será verificado, ainda que não exaustivamente, em dois momentos: na Anunciação e em momentos-chaves de sua vida, que será englobado com o enunciado no Seguimento de seu Filho.

## MARIA E O SEU EXEMPLO NA ANUNCIAÇÃO

Olhar para a maternidade de Maria é olhar para o instante da Anunciação. O silêncio profético de Javé é rompido com a aparição de Gabriel à uma moça de uma obscura cidade da Galileia, chamada Nazaré. Maria era essa moça. Uma menina que a Escritura descreve como humildade e piedosa. A anunciação é um momento em que essas virtudes vem ao lume da história, fazendo brilhar em Nazaré a luz da glória de Deus, que seria refletida na vida daquela donzela. Calvino compreendendo o fascínio geral por Maria, inicia um sermão no trecho da Anunciação chamando a atenção de seus ouvintes para o fato que as palavras entregues pelo anjo a Maria eram também palavras para a humanidade<sup>18</sup>. Mas o que Deus revelou a Maria e a nós? O que pretendeu Javé dizer àquela menina e a todas as nações da terra? Calvino argumenta:

Deus queria nos mostrar a sua bondade infinita, que o seu único Filho pudesse vestir a nossa carne e a nossa natureza, para ser nosso irmão e nossa carne. E que, por este meio, devemos obter a herança da vida. Aprendamos, portanto, a dar tal autoridade à Virgem Maria como a ela pertence, pois de outra forma não poderíamos estar seguros de nossa salvação: que não devemos olhar para o que ela merece, como ela também nos admoesta, dizendo que Deus a olhou sem qualquer pobreza, e que ele a escolheu por pura graça (cf. Lc 1,46-56). Mas que isso seja o suficiente para nós, que Deus quis servir a si mesmo por meio dela. E também saibamos que devemos recebê-la e tê-la como mestra, e aquiescer ao ensino que procede do seu testemunho.

A verdade anunciada primeiro à Virgem faz dela receptáculo não apenas do Verbo, mas também um receptáculo de uma mensagem. Calvino chama a atenção para o fato de que Maria não deve

<sup>15</sup> CALVIN, John. *Commentary on Matthew, Mark, Luke, vol.1*. Albany: AGES Library, 1997, p. 62.

<sup>16</sup> CALVIN, *Commentary on Matthew, Mark, Luke*, p.109.

<sup>17</sup> GRUPPO DI DOMBES. *Maria nel disegno di Dio, I*. § 65.

<sup>18</sup> CALVIN, Jean. *Sermons sur L'Harmonie Evangelique - Sermon VI*. In: CALVIN, Jean. *Joannis Calvinii opera quae supersunt omnia, tomo 46*. Brunsvigae: CA. Schwetschke, 1863, p.62-63.

ser abandonada, mas deve ser recebida e mantida próximo daqueles que pretendem seguir o Ente Santo que dela foi gerado. O reformador genebrino traça, na Anunciação, o início do ministério de Maria na história da salvação: Modelo e Mestra.

Na bem conhecida saudação de Gabriel, Calvino deu certa ênfase no termo *abençoada*. Para ele, Maria ensina que a única maneira de ser a serva que está diante de Deus pronta para servir é por meio do agir gracioso de Deus – a graça que realinha a humanidade ao seu projeto redentor. Assim, para Calvino, *abençoada* significava

todo tipo de bênçãos, implicando, então, que seremos real e verdadeiramente felizes e ricos, quando somos amados por Deus, de quem procede todas as bênçãos. Mas se a felicidade, a justiça e a vida de Maria brotam do amor imerecido de Deus, se suas virtudes e toda a sua excelência não são senão frutos da Bondade Divina, é o auge do absurdo dizer-nos que devemos buscar dela, o que ela recebeu da parte de Deus da mesma maneira que nós<sup>19</sup>.

Assim como qualquer indivíduo, Maria foi alvo da graça de Deus. Mas não apenas isso, é a graça divina que, vindo a Maria, a torna capaz de uma *submissão* à vontade de Deus. Sujeita a ela, Maria assume com Deus a tarefa de trazer ao mundo o Salvador. Calvino remete para o Deus trino a procedência de toda a graça; sem, contudo, submeter Maria a uma posição desqualificada. Se não *mediadora*, Maria se torna sinal e exemplo da ação sublime realizada por Deus em seu intuito salvífico. Para salvar a humanidade, ele não coloca de lado a própria humanidade. Pelo contrário, Deus a chama para que, juntamente com ele, a humanidade se torne instrumento e meio da salvação; seja como veículo da encarnação, no caso da Santíssima Virgem, ou pelo anúncio da encarnação, no caso da Igreja. Em ambos os casos, nem Maria, nem a Igreja chamam a atenção para si mesmas, mas sempre, nas palavras da Virgem, elas afirmam: “*Fazei tudo que Ele vos disser*” (Jo 2,5).

Uma segunda característica que Calvino ressalta de maneira muito positiva na Anunciação é a *consciência de Maria diante do Anúncio*. Maria não se amedronta ou se agita por causa do Anjo. Calvino comenta:

Mas Lucas não diz que ela estava tão agitada a ponto de ter perdido a consciência. Pelo contrário, ele faz menção que a mente de Maria estava atenta e composta; pois, mais tarde, Lucas acrescenta: “E considerava que saudação seria essa” (Lc 1,29), isto é, qual era o seu objetivo, e qual era o seu significado<sup>20</sup>.

Uma consciência que aponta para a piedade de Maria. O que se pode observar é que a Virgem de Nazaré, estava agitada em seu ser – afinal de contas ela estava tendo uma experiência celestial; porém, ela não deixou de considerar que havia um propósito naquela experiência. Um propósito divino, do qual ela deveria de alguma forma participar. Seu interesse direcionou sua alma a conhecer o sentido por detrás daquelas palavras. Maria teria, assim, duas coisas para ensinar por meio de sua reação à fala de Gabriel.

Em primeiro lugar, ela ensina a necessidade que os cristãos têm de estarem engajados com o agir de Deus na história<sup>21</sup>. A Virgem estava cuidadosamente atenta ao seu contexto e tempo – o *Magnificat* demonstra isso. O tempo da visitação de Deus e a vinda do seu reino eterno eram parte da esperança judaica. Em segundo lugar, Maria é mestra do temor e reverência<sup>22</sup>. A reflexão de Maria não foi embotada pelo medo, mas foi tomada pelo seu profundo temor e tremor diante da fala divina. Diante da sua experiência, Maria ensina a Igreja, segundo Calvino, a participação consciente, temerosa e reverente no agir salvífico de Deus. A displicência da Igreja, enquanto comunidade de fé, no seguimento de Jesus é uma ação contrária à que Maria nos ensina.

Outro elemento que o reformador pontua em Maria é a sua *fé*. É interessante que Calvino lança mão daquilo que pode parecer (e não deixa de ser) uma dúvida: *Como pode ser isso!* (Lc 1,34). Dúvida é diferente de incredulidade. Maria não era e nem foi incrédula. A fé de Maria, naquele momento de dúvida, diz Calvino, ressurgiu na certeza de que o poder de Deus não está limitado pelos

<sup>19</sup> Ibid., p.50.

<sup>20</sup> Ibid., p.50-51.

<sup>21</sup> CALVIN, *Commentary on Matthew, Mark, Luke*, p.51.

<sup>22</sup> Ibid., p.51.

meios naturais – aliás, Ele é quem governa todo o universo<sup>23</sup>. O “*aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra*” (Lc 1,38) dá toda a dimensão disso. Para aquela jovem menina da Galileia, submeter-se à voz de Deus teria implicações de ordem social e religiosa – veja a intenção de José em não querer difamá-la (Mt 1,19) – implicações que, ao se entregar na dependência absoluta de Deus Pai, a Bem-aventurada e jovem Virgem se dispôs a aceitar. Isso não é coisa pequena! Isso não é coisa para se passar por cima! E Calvino compreendia isso, de modo que ele exortou:

Aprendamos, mesmo quando a razão não aparece imediatamente, a nos submeter modestamente a Deus, e não nos envergonhemos de receber instrução daquela que carregou em seu ventre a Cristo a eterna “sabedoria de Deus” (1Co 1,24). Não há nada que devemos evitar com mais cuidado do que o orgulhoso desprezo que nos privaria do conhecimento do segredo inestimável que Deus propositalmente “escondeu dos sábios e inteligentes e revelou aos humildes e aos pequeninos” (Lc 10,21)<sup>24</sup>.

Calvino e qualquer cristão atento ao texto bíblico terá a dimensão da fé de Maria. Fé que não é o *credo quia absurdum* de Tertuliano, mas a fé daquele pai que pediu a Jesus: “Eu creio! Ajudame na minha falta de fé!” (Mc 9,24). Neste sentido é que Maria é mestra da salvação e fé. Trazer Cristo ao mundo implicava em abrir mão de si. *Negar-se a si mesmo*, ato primeiro daqueles que se dispõem ao seguimento de Jesus, foi o ato humilde e resignado da Virgem (Cf. Mt 16,24; Mc 8,34; Lc 9,23). Os mistérios redentores de Deus não se ocultam para aqueles que se submetem ao seu senhorio. As *pesadas palavras*<sup>25</sup> “*Aqui está a serva do Senhor, que se cumpra em mim conforme a tua palavra*” (Lc 1,38) são sinal dessa rendição da serva ao senhorio de Deus. No texto grego, o evangelista coloca a palavra *lôou* na boca de Maria, como se ela estivesse chamando a atenção do anjo para si, afim de mostrar que aquela com quem ele havia falado seria o instrumento para trazer ao mundo o Filho de Deus. Calvino comenta:

Mas ela [Maria] cessa a inserção de contra-argumentos, e se obriga a obedecer. Esta é a verdadeira prova da fé: quando reprimimos nossas mentes e, por assim dizer, as levamos cativas, de modo que não ousam responder isso ou aquilo a Deus. Porquanto a ousadia em disputar [com Deus], por outro lado, é a mãe de incredulidade<sup>26</sup>.

Maria se abre ao propósito divino. Maria se abre a Deus humilde, submissa, em santo temor, reverente e confiante. Na Anunciação está uma mulher que merece ser honrada e que se apresenta como um instrumento bendito da ação de Deus em favor do mundo. Porém, a vida de Maria, como um todo, foi e é um exemplo de imitação.

## MARIA E O SEU EXEMPLO NA VIDA DE SEGUIMENTO DE SEU FILHO

A primeira coisa que chama a atenção na fala de Calvino é que Maria, dentro do propósito salvífico de Deus, tem a oferecer, em sua *maternidade*, muito mais que o seu ventre para a encarnação do Verbo. Como o Grupo de Dombes bem resumiu, o conceito mariano formulado por Calvino atribui à Maria uma função primordial de formadora e mestra da salvação e da fé<sup>27</sup>. A afirmação de Boff de que aquilo que pode ser dito acerca de Maria pode ser aplicado aos cristãos, em particular, e a Igreja, enquanto comunidade, indica também essa direção<sup>28</sup>. Os dois termos calvinianos – formadora e mestra – apontam uma questão fundamentalmente didática, como tem sido reafirmado neste texto. O significado disso é que Maria deve ser vista como um exemplo a ser imitado, ela é a primeira a

<sup>23</sup> Ibid., p.55.

<sup>24</sup> Ibid., p.48-49.

<sup>25</sup> Ibid., p.60.

<sup>26</sup> Ibid., p.60.

<sup>27</sup> GRUPPO DE DOMBES, I. § 65.

<sup>28</sup> BOFF, *Dogmas Marianos*, p.7. Cf. CALVIN, *Sermon VI*, p.63-64.

fazer a experiência do seguimento de Jesus<sup>29</sup> e, por isso, ela é capaz, pela dinâmica da sua vida, oferecer-se à Igreja de seu Filho como um marco que precisa ser redescoberto.

A graça de Deus é o sentido de toda a existência humana. Maria é, por certo, o maior exemplo de pessoa que foi alvo dessa ação divina. A saudação angélica aponta para essa realidade: “*Alegrate, cheia de graça, o Senhor está contigo*”! (Lc 1.28 BJ). A graça de Deus manifestada a Maria lhe rendeu o título de *tesoureira da graça*. Embora, como foi visto, Calvino tenha dado ênfase, como era de seu costume de apenas tratar com o dado revelado nas Escrituras, ele abriu uma exceção. De alguma maneira esse título tinha algum peso ou significado para o reformador, de modo que ele o reinterpretou.

Agora, a Virgem, de outro modo, é a tesoureira da graça. E como? Pois ela guardou a doutrina que nos abriu o reino dos céus, o que nos leva ao nosso Senhor Jesus Cristo. Ela o guardou como um depósito, e então, por seus meios, nós o recebemos. Vejam, pois, a honra que Deus lhe deu; vejam de que maneira devemos olhar para ela: não para prendê-la, nem para fazer dela um ídolo, mas para que, por meio dela, possamos ser levados ao nosso Senhor Jesus Cristo. É aqui também que ela retorna para nós<sup>30</sup>.

Novamente Calvino retoma ao caráter ético presente em Maria. A Virgem não seria a administradora dos bens concedidos a Jesus Cristo por Deus Pai, mas alguém que em sua própria experiência com Jesus, o gerado de seu ventre, é capaz de nos mostrar o trilho estreito e apertado pelo qual cada discípulo de seu Filho, deve também passar (Cf. Mt 7,13-14). Caminho que aponta para a dor e o sofrimento. O seguimento de Jesus conduziu Maria e conduz, ainda hoje, todos os seus discípulos ao Gólgota para a contemplação da cruz. No lenho maldito que ali se levantou, pendeu, entre a terra e o céu, o seu filho, o fruto do seu ventre bendito. A angústia mais profunda se abateu em sua alma e a dor mais lancinante o seu coração. À Maria havia sido profetizado, pelo ancião Simão, que “*uma espada transpassaria a sua alma*” (cf. Lc 2,25-35). Essa foi crava em seu peito, quando as mãos de seu filho foram cravadas na cruz. Sobre a profecia de Simão, Calvino escreveu:

Essa advertência deve ter contribuído grandemente para fortificar a mente da Santa Virgem, e para impedi-la de ser dominada pelo sofrimento [...]. Embora a sua fé tenha sido agitada e atormentada por várias tentações, a sua mais dura batalha foi com a cruz, pois Cristo parecia estar completamente destruído. Ela não estava sobrecarregada de tristeza; seria necessário um coração de pedra para não ser profundamente ferido, porquanto a paciência dos santos difere muito da estupidez<sup>31</sup>.

A advertência divina não anula o sofrimento da alma de Maria. Calvino admite que a cruz foi a mais dura batalha de Maria. Contudo, Calvino parece olhar para a Virgem que estava diante do seu moribundo filho, com a mesma resignação, abnegação e altruísmo de quando lhe foi anunciado a sua concepção. O sofrimento era real. A dor era real. A desolação, que fez que o Crucificado ordenasse que João cuidasse de dela, era real. Mas os santos, dos quais Maria é a maior, sabem que o sofrimento possui um papel pedagógico. A cruz apontava para o radical amor de Deus pela humanidade (Jo 3,16). Amor que, em Deus, se identifica com solidariedade<sup>32</sup>. Solidariedade-Amor que se realizam na história e que se consuma na entrega livre e voluntária de Jesus pela humanidade e por seus pecados (1Co15,3; Gl 1,4; 1Pe 2,24; 1Jo 2,2; 1Jo 4,10; Ap 1,5).

Se o sofrimento de Jesus, o Crucificado, é demonstração do seu amor pela humanidade; então, o sofrimento de Maria segue o mesmo curso. E nesse curso, a Igreja é chamada para assumir, ainda que pelo sofrimento, unindo-se ao testemunho do amor de Deus dado pelo Cristo Crucifixo. É o caminho que responsabilmente exige que uma cruz seja toda e levada (Cf. Mt 16,24; Mc 8,34; Lc 9,23). O caminho do reino dos céus é um caminho que passa pelo padecimento. Não um sofrimento

<sup>29</sup> JOÃO PAULO II. *Redemptoris Mater* (=RM) – *Sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho*. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031987\\_re-demptoris-mater.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_re-demptoris-mater.html)>. Acesso em 27 de abril de 2017.

<sup>30</sup> CALVIN, Jean. *Sermons sur L'Harmonie Evangelique - Sermon XXV*. In: CALVIN, Jean. *Joannis Calvinii opera quae supersunt omnia, tomo 46*. Brunsvigae: CA. Schwetschke, 1863, p.309.

<sup>31</sup> CALVIN, *Commentary on Matthew, Mark, Luke*, p.141.

<sup>32</sup> MIRANDA, Mario de França. *A Salvação de Jesus Cristo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p.79.

pelo sofrimento, mas um sofrer-com-os-outros, encarnando a realidade sofrida e sofrida daqueles que precisam ver a reconciliação com Deus provida pelo Crucificado. Esse é o caminho aberto por Jesus, guardado por Maria e seguido pela Igreja.

O testemunho da Virgem é conhecido. As últimas palavras de Maria registradas no evangelho de João é um resumo do evangelho de seu Santo Filho. A curta frase de Maria – “*Fazei tudo o que ele vos disser*” (Jo 2,5) – é um daqueles “sermões” de poucas palavras, mas de profundo significado e influência. Calvino diz que nesse versículo a Santa Virgem dá o exemplo da genuína obediência que ela devia ao seu Filho, aquiescendo modestamente a resposta dele<sup>33</sup> – “*Ainda não é chegada a minha hora*” (Jo 2,4). A submissão de Maria a Deus na Anunciação é a mesma em Caná. Não se tratava ser mãe, tratava-se de ser serva, afinal de contas, a questão era ser *exemplo* de seguimento e no seguimento de Jesus todos são servos. E o que a curta pregação de Maria tem a ensinar, de acordo com o reformador? O que ele salienta nessas palavras? Em que mais Maria é modelo cristão? Pode-se se considerar duas coisas.

Primeiramente a mensagem de Maria é uma exemplo autonegação<sup>34</sup>. Maria não está interessada em usurpar a glória de Cristo, mas o seu desejo era que ela fosse manifestada. Assim, Calvino entende que é necessário que se compreenda que não pode transferir nada que pertença a Deus a nenhum outro ser – algo que parece ter sido a causa da repreensão de Jesus à Maria: *Mulher! Que tenho eu contigo?* (Jo 2,4)<sup>35</sup>. Ela entende isso e, como serva ensina a Igreja a ser serva direcionar a Deus o que lhe é devido. Segundo ensino na pregação de Maria é que Jesus é a meta da vida cristã. As palavras de Maria apontam para Jesus e para as suas palavras, embora Calvino se equivoque ao explicar o texto neste ponto, ao dizer: “*Em contrapartida, ele Jesus não nos encaminha a sua mãe, mas, ao contrário, nos convida a irmos a ele próprio*”<sup>36</sup>. É fato, que Calvino queria preservar a glória de Deus, que é o elemento mais preciso em seu sistema teológico. Porém, o que o texto do evangelho mostra é Maria apontando para Jesus. O convite feito por Calvino para observar e aprender com Maria deve ser aplicado mesmo quando ele se equivoca. E, em Maria e seu pequenino sermão, o cerne de todo o evangelho: Jesus e sua palavra que transforma todas as estruturas da existência humana e do relacionamento com Deus, o Pai.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo feito essas considerações, é possível afirmar que tanto quanto possível, fazer memória de Maria, isto é, atualizar a vida desta incomparável mulher, numa perspectiva protestante, é o mais próximo possível que se pode chegar de uma espécie de devoção. A celebração daquilo que a Santa Virgem foi dentro dos propósitos e desígnios de Deus deve fazer animar cada indivíduo, como toda a Igreja cristã independente de sua tradição, não somente à adoração celebrativa do Deus trino, mas também, ao exemplo de Maria, mas também a ação livre e submissa em cooperação no processo salvífico de Deus.

É fato que não se trata de uma celebração de caráter cültico. Não demanda cânticos ou orações ou coisas semelhantes, mas sim, *imitação*. Não é sem motivo que bem o papa João Paulo II se referiu a Maria como a *primeira discipula*, “*a primeira a quem ele parecia dizer: ‘Segue-me’, mesmo antes de dirigir este chamamento aos Apóstolos ou a quaisquer outros*” (RM 20). Maria em toda sua humildade e sobriedade é quem melhor poderia usar as palavras proferidas pelo apóstolo Paulo: “*Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo [o meu filho]*” (Cf. 1Co 11,1).

Celebrando os 300 anos do encontro da imagem de “Nossa Senhora” Aparecida, a contemplação de sua imagem deve conduzir os seus devotos e fiéis católicos, a contemplação do real sentido de sua santidade. Maria foi e é santa graças a *graça* de Deus que a *elegeu para a maternidade* mais

<sup>33</sup> CALVINO, João. *O Evangelho segundo João, vol.1*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2015, p.91

<sup>34</sup> CALVINO, *Evangelho segundo João*, p.92.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p.90.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p.92.

sublime desse mundo. Ter o Verbo em seu ventre, ser *theotokos*, mãe de Deus. O encontro com a Aparecida deve ser o encontro com o dela Nascido. Celebrando os 500 anos da Reforma se faz necessário um reencontro com aquela que foi o instrumento de Deus<sup>37</sup>. É fato que nem a valorização excessiva nem desvalorização radical faz justiça humilde, santa e Virgem Maria. Recuperar a dimensão mariana dentro das Igrejas protestantes aponta para o resgate não de uma mera tradição catequética ou histórica, mas se trata de redescobrir as exigências que o Deus cristão faz à humanidade, contemplando na vida de uma mulher simples, o intenso desejo de entrega, testemunho e anúncio da salvação providenciada em Jesus, encarnada através de Maria.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

BÍBLIA SAGRADA. *Almeida Revista e Atualizada*, 2.ed. Barueri: SSB, 2001.

BOFF, Clodovis. *Dogmas Marianos: Síntese Catequético-Pastoral*, 4.ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2010.

CALVIN, Jean. *Sermons sur L'Harmonie Evangelique - Sermon VI*. In: CALVIN, Jean. *Joannis Calvinii opera quae supersunt omnia*, tomo 46. Brunsvigae: CA. Schwetschke, 1863.

\_\_\_\_\_, Jean. *Sermons sur L'Harmonie Evangelique - Sermon XXV*. In: CALVIN, Jean. *Joannis Calvinii opera quae supersunt omnia*, tomo 46. Brunsvigae: CA. Schwetschke, 1863.

CALVIN, John. *Commentary on Matthew, Mark, Luke, vol.1*. Albany: AGES Library, 1997.

CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã, tomo I*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

\_\_\_\_\_, João. *O Evangelho segundo João, vol.1*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2015.

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter (eds.). *El Magisterio de la Iglesia*, 38.ed. Barcelona: Herder, 2000.

FELMY, Karl Christian. *Teología Ortodoxa Actual*. Salamanca: Sígueme, 2002.

GRUPPO DI DOMBES. *Maria nel disegno di Dio e nella Comunione dei Santi. I*. Disponível em: <<http://www.dehoniane.it:9080/komodo/trunk/webapp/web/files/riviste/archivio/02/199803095a.htm>>. Acesso em 27 de abril de 2017.

\_\_\_\_\_, *Maria nel disegno di Dio e nella Comunione dei Santi. II*. Disponível em: <<http://www.dehoniane.it:9080/komodo/trunk/webapp/web/files/riviste/archivio/02/199805183a.htm>>. Acesso de 28 de abril de 2017.

MIRANDA, Mario de França. *A Salvação de Jesus Cristo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

---

<sup>37</sup> GRUPPO DI DOMBES. *Maria nel disegno di Dio e nella Comunione dei Santi. II*. Disponível em: <<http://www.dehoniane.it:9080/komodo/trunk/webapp/web/files/riviste/archivio/02/199805183a.htm>>. Acesso de 28 de abril de 2017.

MÜLLER, Alois; SATTLER, Dorothea. *Mariologia*. In: SCHNEIDER, Theodor (ed). *Manual de Dogmática, vol.2, 2.ed.* Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p.158.

PAPA JOÃO PAULO II. *Redemptoris Mater – Sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho*. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031987\\_redemptoris-mater.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html)>. Acesso em 27 de abril de 2017.

TORREY, R.A. (ed.). *Os Fundamentos*. São Paulo: Hagnos, 2005.

Recebido em 05 de maio de 2017

Aprovado em 15 de junho de 2017